

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

C I C L O D E D E B A T E S

**ESPORTE NO MUNICÍPIO,
ferramenta de inclusão social**



**espaço
democrático**

Fundação para Estudos e Formação Política do PSD



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

“O esporte é uma preciosidade não utilizada”

Gestores públicos ainda não entenderam que “investir no esporte é também investir em saúde, educação, segurança e, enfim, qualidade de vida”. A afirmação é do secretário-geral da Confederação Brasileira de Futebol, Walter Feldman, que foi secretário de Esportes da Prefeitura de São Paulo entre 2007 e 2011, durante a gestão do prefeito Gilberto Kassab. Ele foi o palestrante do 12º Encontro Democrático, que teve por tema “A inserção social através do esporte”.

Esses eventos são promovidos pelo Espaço Democrático, fundação do PSD para estudos e formação política, com o objetivo de discutir experiências e boas práticas de gestão pública, auxiliando prefeitos e administradores municipais na busca por soluções para os problemas enfrentados em suas cidades.

Conduzido pelo cientista político Rubens Figueiredo, colaborador do Espaço Democrático, o Encontro teve a participação da diretora executiva da ONG Atletas Pelo Brasil, Daniela Castro; e do ex-secretário de Esportes de São Paulo, Toni Moreno. Também estavam presentes a tenista Patrícia Medrado; o campeão mundial de boxe na categoria Super Galo da organização World Pugilism Commission (WPC), Giovanni Andrade; a boxeadora campeã sul-americana WPC na categoria Mini Mosca, Élica Jamile; e a corredora Ana Luiza “Animal”. O debate contou ainda com comentários da ex-vice-prefeita de São Paulo e coordenadora nacional do PSD Mulher, Alda Marco Antonio, e do economista Roberto Macedo, além de gestores municipais.

Esta é a transcrição integral do debate, inclusive gráficos e tabelas apresentados.



RUBENS FIGUEIREDO: Não é sempre que a gente reúne tantos campeões em um debate. O tema do nosso Encontro Democrático de hoje é a inserção social através do esporte e quem vai fazer a palestra é o Walter Feldman, que é secretário-geral da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ele foi vereador em São Paulo duas vezes, deputado estadual outras duas, deputado federal, presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, secretário-chefe da Casa Civil do Governo de São Paulo, secretário municipal da Coordenação das Subprefeituras e de Esportes, Lazer e Recreação em São Paulo e articulador de grandes eventos na gestão do ex-prefeito Gilberto Kassab.

Temos também o Toni Moreno, ex-secretário municipal de Esportes, Lazer e Recreação de São Paulo, ex-presidente do Esporte Clube Pinheiros e membro do Comitê Nacional de Esportes. Ele coordena o Conselho Temático de Esportes na Fundação Espaço Democrático.

Também está aqui a tenista Patrícia Medrado, que foi uma das dez melhores tenistas de duplas do mundo - a primeira tenista do Brasil durante 11 anos. Ao lado dela Giovanni Andrade, lutador de boxe campeão mundial. É o maior nocauteador da história da categoria dele, com 55 *knockdowns*. Ele tem mais nocautes do que o Maguila. Ao seu lado está a boxeadora Élica Jamile, que está entre as 50 melhores do mundo na categoria dela e agora vai para o campeonato mundial. A Ana Luiza Garcez, a "Animal", vencedora da meia-maratona da Cidade do Cabo, na África do Sul, em 2013, na categoria de 50 a 59 anos.

O Walter Feldman vai fazer uma apresentação de mais ou menos 30 minutos e depois nós vamos abrir para comentários.



“ O esporte beneficia a educação, a saúde, a organização comunitária, tem mecanismos de combate à violência, é o mais importante instrumento de enfrentamento das drogas ”

WALTER FELDMAN: Antes de tudo quero dizer que me sinto em casa. Fui durante 25 anos do PSDB, mas tinha uma relação muito profunda, estreita, camarada com o Gilberto Kassab. Desde os tempos da Câmara Municipal de São Paulo. Fomos juntos vereadores, deputados estaduais e deputados federais e eu participei do seu governo na Prefeitura de São Paulo. Quando eu tive que sair da Secretaria de Esportes, o Kassab perguntou quem deveria me substituir. Eu falei: “Não tenho a menor dúvida, Toni Moreno. É um homem apaixonado, é muito vinculado a você”. Ele respondeu: “Walter, eu não tenho certeza se ele vai aceitar. Sonda, se ele aceitar, eu convido”. Aí nós marcamos um encontro. Eu sondei. Ele levou um susto, mas logo assumiu e fez um grande trabalho. Ajudou muito naquilo que é, na minha avaliação, uma das questões mais complicadas do Brasil do ponto de vista de política pública, de escolha de prioridades, que é a total incompreensão dos governantes em relação ao papel que o esporte pode desempenhar. É quase uma conversa de surdos. Para ter uma ideia: depois que eu saí da Secretaria de Esportes, peregrinei, fui a umas dez capitais brasileiras e fiz uma apresentação semelhante à que eu vou fazer. Paguei tudo, nunca recebi convite oficial. Eu pedia para o prefeito para poder explicar. Falei com uns sete governadores de Estado. Nas campanhas presidenciais, falei com vários dos candidatos que a gente conhece. É inacreditável! Eu diria que é quase uma unanimidade a incompreensão sobre esse tema. Eu nunca consegui convencê-los de que o esporte pode mudar profundamente a realidade, particularmente de uma cidade. Poderia reduzir muito os gastos públicos.

O governador Geraldo Alckmin falou algo que é muito verdadeiro. Os hospitais contribuem com 20% a 25% da manutenção de níveis adequados de saúde da população. A orientação e a cultura, a forma de vida, a

busca de qualidade, a alimentação, a atividade física é mais de 50%. Nós sabemos o que isso significa numa cidade como São Paulo ou para a maioria da população brasileira, que vive hoje em grandes ou médios centros urbanos. Por que é tão evidente e por que não se faz?

Outro dia li uma coisa que me encantou: bajulação é um desvio de caráter. Mas o único gestor público, na minha avaliação, que compreendeu, deu condições, deu espaço para fazer uma transformação radical da estrutura do esporte - comparo a qualquer governante federal, estadual ou municipal - foi o Gilberto Kassab. Tenho repetido isso. Foi quem deu as condições: deu garantia financeira, orçamentária e política para que a gente pudesse implementar as medidas. E em nenhum momento fiz exigências para aceitar esse cargo, depois de ter pensado muito. Tive a posição contrária de todos os meus companheiros políticos e de toda a minha família. Perguntavam como é que eu poderia ter sido presidente da assembleia, secretário de uma pasta tão importante como a das subprefeituras, deputado federal e aceitar ser secretário de Esportes, uma pasta normalmente relegada às composições políticas. Sem nenhum modelo de continuidade, sem nenhuma política de estado, sem nenhuma obediência a um plano. Então, eu quero deixar esse registro, de que na minha avaliação, o Kassab foi o único gestor que efetivamente compreendeu. E nós passamos o orçamento de 0,2% para 0,9%. Não há registro, nem no Governo do Estado. O Governo Federal tem o registro de ampliação em razão dos Jogos Olímpicos, portanto um adicional orçamentário por uma questão específica, mas eu acho que foi uma mudança relevante. E tão relevante que não se manteve. Hoje, o próprio Celso Jatene (*atual secretário de Esportes, Lazer e Recreação da Cidade de São Paulo*) fala em 0,4%, quando se deveria ter uma tendência progressiva. Na demonstração de resultados, a ampliação deveria ser cada vez maior.

Mas não é. É sempre um retrocesso, o que é uma pena. Porque, além de ser equivocado do ponto de vista da compreensão de uma política pública transversal e que beneficia educação, a saúde, beneficia a organização comunitária, tem mecanismos de combate à violência, é o mais importante instrumento de enfrentamento das drogas. Ou seja, é algo raro. Eu diria que é uma preciosidade não utilizada. Não utilizada porque não houve vontade política, determinação, compreensão estruturante da mudança que a médio e longo prazos pode realizar. É tão verdade que, em pouco tempo, na minha avaliação, houve o reconhecimento do setor de esportes de que isso aconteceu. Mesmo os mais reticentes, como os Atletas pela Cidadania, Atletas pelo Brasil, que têm uma resistência grande a governos. E estranham quando algum governo consegue fazer alguma coisa boa. Mas a aliança com a Patrícia, com a Ana Moser, como o Raí, com o Cafu, com tanta gente que se aproximou porque compreendeu, na prática, que a gente estava fazendo aquilo que era esperado e devido.

Eu vou fazer uma rápida apresentação. E tenho também uma apresentação importante que entreguei ao Kassab daquele período que nós ficamos em Londres estudando a organização dos Jogos Olímpicos. Mais uma vez ele teve uma visão de que Londres operava uma realidade urbana muito semelhante à São Paulo e à do Rio de Janeiro, e me mandou lá para estudar. Fizemos um relatório de 1.800 páginas, sobre o que significa o legado. Na época eu sugeri ao Eduardo Paes (*prefeito do Rio de Janeiro*) que a gente fizesse o mesmo com o Rio, mas ele não mandou ninguém. Na verdade, fui o único brasileiro a acompanhar de perto a organização dos Jogos Olímpicos, quando era o Rio que deveria ter feito isso. Apanhei muito da imprensa - o que São Paulo tem a ver com isso? Mas é que nós tínhamos uma visão de grandes eventos. E na minha opinião, grandes even-

tos são hoje uma etapa muito avançada da economia mundial.

Grandes eventos são uma atividade de grandes serviços. Só grandes cidades podem realizar. Elas precisam ter capacidade de recepção, de abrigo, de logística, de aeroportos, de sistemas de transporte. Só as grandes cidades podem fazer e nós disputamos isso com o mundo.

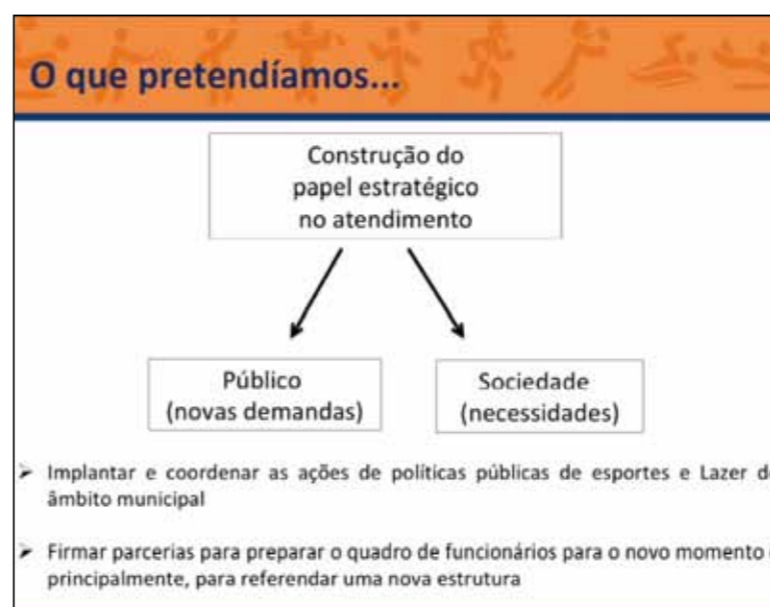
Eu fui estudar essas características que dão a São Paulo a condição de atrair cada vez mais grandes eventos. Jogos Olímpicos é uma experiência, Copa do Mundo, mas tem muitas outras, além do esporte, como atividades políticas, religiosas, de concentração de pessoas. E às vezes, por não compreender muito isso, nós perdemos para outros países do mundo, como Dubai, Catar. Nós perdemos a Expo 2020 por uma dificuldade de dar a dimensão que os países árabes, por terem muito dinheiro, já compreenderam e estão avançando.

A gente, o tempo todo, tentou vincular o esporte não como joguinho de bola, fazer uma quadrinha, um

campinho e deixar a meninada jogar. Não. É uma dimensão muito mais importante, estratégica, que o Brasil precisa descobrir. Nós sempre somávamos essas ideias de como poderíamos atuar em tudo isso, no movimento, na transformação, na diversidade, na compreensão do papel da metrópole e no resgate da cidadania - objetivo em que a gente avançou muito, particularmente na periferia de São Paulo, oferecendo oportunidades através dos clubes-escola, para que houvesse a oferta de equipamentos adequados, justos e dignos para a população mais pobre, mais carente, mas com programas. Não adianta só fazer equipamento se não tiver uma programação efetiva que dê uma nova cultura àquela comunidade.

Nós sempre desenvolvemos essa ideia do papel da Secretaria de Esportes na Prefeitura. Nós pegamos uma Secretaria muito combalida, destruída do ponto de vista da sua autoestima, com a crença de que era mais um secretário, que não iria fazer nada de diferente. Juntamos todo mundo, fizemos uma reestruturação com a equipe de dentro e a pequena equipe que levamos de fora e fizemos uma estrutura que passou

a ser um modelo de organização para toda a Prefeitura de São Paulo. E tinha essas características, a lógica de compreender a turma de dentro, que tem a sua cultura, suas expectativas, suas esperanças e gostaria de continuar trabalhando longe da lógica do funcionalismo público, que é aquela coisa de esperar a aposentadoria, esperar o aumento de salário, acreditar que o governo não faz nada para os outros, apenas pensa em si e na lógica dos interesses. Ou seja, nós tentamos o tempo todo construir uma equipe, particularmente com o pessoal de dentro da Secretaria de Esportes. E com uma gestão muito participativa e sempre bem relacionada com a saúde, com a educação, com



o transporte. Não apenas para que dessem recursos complementares, mas que também pudéssemos fazer políticas comuns.

E vou dizer aos senhores: é muito difícil. Política transversal é retórica. É complicadíssima. A estrutura de governo que o Brasil tem é um modelo em que cada um cuida da sua caixinha. É muito difícil ter uma relação. Quem melhor compreendeu isso foi a saúde. Deu recursos e nós criamos um programa de saúde no esporte que deu palestras, acompanhou indicadores e ensinou a população que a atividade física é essencial. A saúde foi muito parceira nesse processo.

Referências para o novo modelo (01/2007 a 04/2011)



Nós contratamos a FIA-USP (Fundação Instituto de Administração, órgão de apoio da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo), que durante mais de seis meses fez muitos workshops. Todos participaram, opinaram e deram a sua contribuição para a construção desse modelo – que, imagino, até hoje deve existir –, que modernizou muito uma estrutura que já estava velha, cansada, inoperante.

Diretrizes de atuação

- Mudança da cultura organizacional;
- Reformulação do papel;
- Universalização da prática esportiva;
- Capitalização da oferta de esporte, lazer e recreação;
- Reversão da ociosidade dos equipamentos;
- Esportivos e combate ao sucateamento;
- Integração regional;
- Valorização dos funcionários;
- Reestruturação Administrativa;
- Definição de missão, visão e valores;
- Sistema Informatizado de Gerenciamento;
- Gestão dos equipamentos com a implementação de regras para ampliação, manutenção e adequação.

Nesse slide vemos um pouco do que eu falei, a mudança da cultura interna, a ideia de que as atividades físicas são para todos, não apenas para os atletas, não apenas para o grupo que poderia eventualmente ter acesso, mas convencer toda a população de que atividade física é uma ação que deve ser igual a se alimentar, se banhar, trabalhar, ou seja, algo que entre na cultura do dia a dia do cidadão. Eu diria que essa é a grande batalha. Não importa se é craque, se joga bem, se é gordinho, baixinho, se é homem, mulher, todo mundo tem que fazer sua parte. Levamos isso inclusive à neurologia da Escola Paulista de Medicina, para pessoa com grande deficiência neurológica – mas qualquer músculo que a pessoa tivesse ela poderia eventualmente fazer alguma prática esportiva. Para mostrar a radicalidade dessa compreensão. Nós fizemos uma fortíssima reversão. A Prefeitura tinha em torno de 400 equipamentos esportivos, juntando tudo: campos, ginásios, quadras, complexos esportivos, piscinas. Nós fizemos gerenciamento com o Estado, com empresas do Estado e deixamos um patrimônio de quase 600 equipamentos sob o comando da Secretaria de Esportes.

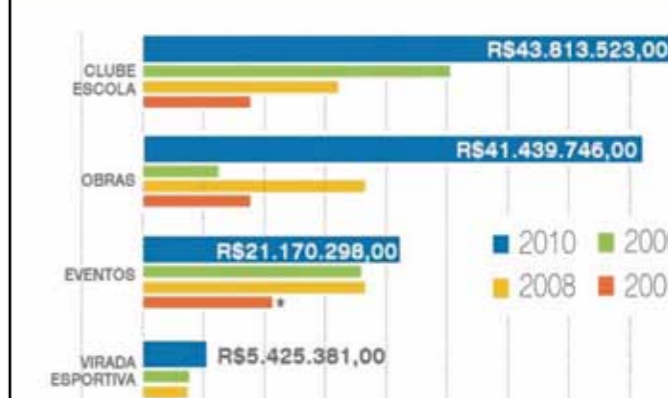
Gerenciando os investimentos



Aí, o nosso orçamento. Quanto nós tínhamos quando entramos em 2007 e a quanto chegamos – ou deixamos previsto logo após a nossa saída –, se aproximando de 1% dos recursos necessários. O que nos dava condições de aplicar em reformas e manutenção dos equipamentos. Mas dá muito a ideia de programa. E o programa, fundamentalmente, era o Clube Escola, a Virada Esportiva, tudo isso sobre o qual vocês têm alguma informação.



Gerenciando os investimentos



Neste slide a divisão dos recursos que nós fizemos. A nossa prioridade era o programa de longo prazo. Ou seja, a gente achava importante eventos, achava importante fazer reformas físicas, mas o fundamental era o Clube Escola, um pensamento muito bem produzido, com formação pedagógica. Como nós poderíamos ser, de fato, contra-turno escolar. Crianças de manhã na escola e à tarde no equipamento esportivo, onde teriam um cardápio de muitas modalidades esportivas. Chegamos a 20 modalidades que a criança poderia escolher. E tinha também tecnologia da informação, os telecentros, e também algumas atividades da área cultural. A gente ia para a cultura, para a educação, para a área de informática, chamando o pessoal para vir ser parceiro, e assim o Clube Escola era um equipamento da Prefeitura, não da Secretaria de Esportes. Não foi fácil. Fizemos um extraordinário plano de reforma dos equipamentos, quase 250 equipamentos – alambrados, iluminação, campos sintéticos, vestiários. O que nós encontramos em termos de patrimônio físico estava abandonado, o que mostrava muito o valor que os governos deram à atividade esportiva. As refor-

mas foram muito consistentes, com forte aliança com os vereadores. A gente pedia apresentação de emendas e apresentava para eles um cardápio de escolhas: “Olha, se quiser iluminar é tanto, se quiser botar alambrado é tanto, se quiser fazer uma reforma de ginásio é tanto”. Nós fizemos uma ação muito forte para que os parlamentares fizessem emendas e escolhessem aquilo que gostariam de ter no equipamento da sua comunidade. O Kassab foi recebido na zona Sul, na Capela do Socorro, pela família Tatto (*família de petistas com forte presença política na região*), com duas mil pessoas. Foi aplaudido de maneira efusiva e reconhecido pelos Tatto como o único prefeito da história que fez um trabalho relevante na área de esportes. Eles criticavam a (*ex-prefeita petista*) Luiza Erundina e a Marta (*Suplicy, ex-prefeita petista*), publicamente, para aqueles que eram eleitores delas.

E nós tínhamos o reconhecimento de que as subprefeituras eram os nossos parceiros geopolíticos estratégicos. Tudo a gente fazia em parceria, com a participação e a presença muito forte dos supervisores de esportes, que eram figuras que a gente aproximava dos subprefeitos. Conseguimos uma coisa incrível, que é o reconhecimento da comunidade. Eu encontro ainda hoje muita gente que fala: “Olha, que tempo bom”. Como a gente fez coisas, como a gente mudou. São os postes, a construção de vestiários, equipamentos que passaram a dar dignidade à população.

Fizemos uma grande reforma no Estádio do Pacaembu, que vocês sabem foi inaugurado pelo Getúlio Vargas em 1940 e nunca teve nenhuma reforma desde então. Nós fizemos a maior reforma da história, gastamos R\$ 10 milhões. E no Estádio do Pacaembu nós fizemos o Museu do Futebol. Investimento de R\$ 25 milhões, sendo que R\$ 13 milhões foram da Secretaria de Esportes de São Paulo. E nós preparamos o Pacaembu para ser o Estádio do Corinthi-

ans e da abertura da Copa. Fizemos de tudo para ser. Não teríamos Itaquera, mas teríamos o estádio com melhor localização do mundo, que é o Pacaembu. Ele teria condições de abrigar a abertura da Copa para 65 mil pessoas com uma estrutura móvel. Depois cairia para 45 mil. Seria uma estrutura com shopping, multiuso, estava pronto o projeto, mas a comunidade do Pacaembu não deixou. Aquela turma que, na minha avaliação, quer o Pacaembu como extensão do Cemitério da Consolação. É uma pena porque não vai ter futuro, provavelmente. Se o Santos não pegar, acho muito difícil. Nós temos um problema... Itaquera com uma dívida distante, e o Pacaembu, eu diria, ocioso. Uma pena!

Há um dado incrível. Quando nós entramos, havia um recurso de investimento de R\$ 35 milhões só para fazer o Centro Olímpico de Esportes Radicais em frente ao Shopping Center Norte. Estava pronto, licitado, era só dar início às obras. Eu procurei o (*governador José*) Serra e o Kassab e falei: “Acho que não é bom. Vai ser um elefante branco. Vai ser um local de grande exploração da *Globo*, que vai fazer um, dois eventos. Nós vamos ficar com um equipamento ocioso ou mal utilizado. O investimento, de R\$ 35 milhões, é o único que nós temos na área e eu sugiro cancelarmos esse contrato para utilizarmos esses recursos para fazer obras na cidade inteira”. Os dois concordaram. Claro que houve muita reação por parte das empreiteiras, mas cancelamos e começamos a fazer as obras que mudaram a cara do esporte, particularmente da periferia de São Paulo.

Fizemos uma recuperação muito interessante do estádio de beisebol, em comemoração ao centenário da imigração japonesa. Foi o único evento que o Brasil fez em comemoração ao centenário. Transformamos o espaço em um centro maravilhoso de beisebol e fizemos o primeiro estádio de sumô.

É o primeiro grande, importante, fora do Japão.

Conseguimos reunir 5 mil voluntários, que permanentemente ajudavam nas nossas atividades. Fizemos o mais importante campeonato de futebol amador do mundo, com 1.500 times apoiados pela Federação Paulista na gestão do Marco Polo Del Nero, onde finalmente a várzea de São Paulo foi dignificada. Ruas de Lazer, Jogos da Cidade de São Paulo, muito estímulo às bicicletas, até a criação da ciclofaixa de lazer de fim de semana. A ciclofaixa foi a grande obra para a bicicleta na gestão Kassab. Hoje temos essa confusão, esse exagero. Tem muita ciclovía, só não tem ciclistas para utilizá-las. Coisa mal planejada, complicada. Na ciclofaixa, tem mais de 200 mil ciclistas a cada domingo em São Paulo. Uma extensão dos parques nas ruas.

A Corrida de Rua foi uma brincadeira. A gente pegou 60 corridas e entregamos com 130, todas elas pagas. Nós popularizamos. Todas as subprefeituras faziam e a população não pagava. Eu diria que a corrida de rua é um fenômeno em São Paulo. Quem corre sabe disso. A gente tomava as ruas de São Paulo nos sábados e domingos.

Fizemos a Virada Esportiva. E as pesquisas mostram que depois da Lei Cidade Limpa, é a Virada Esportiva que tem maior aprovação da população, 95%. Chegamos a mobilizar 3 milhões de pessoas num evento de 24 horas. Mais de 2 mil locais, mais de 3 mil eventos. A população inteira se movimentando, em todos os equipamentos. Chegamos a investir em mídia algo como R\$ 800 mil, e o retorno espontâneo de mídia foi de R\$ 38 milhões: *Jornal Nacional, Bom Dia Brasil*, todos mostrando São Paulo como uma cidade dinâmica, ativa, e o resultado intangível das pessoas fazendo esporte, praticando atividade física, foi muito importante.

Clubes Escola, chegamos a ter 106 espalhados por São Paulo. Eram mais de 400 mil pessoas praticando

atividade física de maneira regular, em complemento à escola. E nós já estávamos desenvolvendo indicadores para provar que a criança que tinha atividade física regular conquistava uma performance melhor na educação. Era um cardápio gigantesco de opções para aquela população, que poderia, a partir dessa experiência, escolher um esporte para o resto da sua vida. Havia muita dança de salão para a terceira idade. A gente tem certeza de que a dança de salão, para a terceira idade, reduz depressão, tristeza, tentativa de suicídio, aproxima casais, oferece oportunidade de namoro, de sexo, de tudo isso que é tão bom. Melhora tudo.

Um parêntese sobre o futebol: a cadeia produtiva do futebol, no Brasil, corresponde a 0,2% do PIB. No mundo, 1%. São semelhantes os orçamentos. Movimenta US\$ 700 bilhões no mundo. Do ponto de vista econômico - geração de renda, compra de produtos, materiais esportivos, tênis - é uma cadeia que o Brasil tem vocação para realizar. Não é só atividade física em si, é produção. É você ativar um lado da economia que tem tudo a ver com nosso clima, nossas condições geográficas, nosso jeito de ser e é muito pouco utilizado, infelizmente. É isso que eu digo, que falta essa compreensão.



Secretaria Municipal da Saúde	Atendimento aos atletas Centro Olímpico Saúde no esporte
Secretaria de Gestão e Desburocratização	Qualificação de Organizações Sociais
Secretaria de Transporte	Ciclo Faixa
Secretaria de Educação	Clube Escola
Secretaria da Cultura	Cantinhos de leitura –Clube Escola
Secretaria de Participação e Parcerias	Telecentros
Secretaria de Mobilidade Reduzida	Ações de inclusão
Secretaria de Habitação	Cels – Centros de Esporte e Lazer
Governo Estadual	Convênio São Paulo Olímpico

Neste slide vemos um pouco das atividades inter-setoriais. Nós trabalhamos com quase todas as secretarias para fazer parcerias. Fizemos com a Alda (*Marco Antonio, secretária da Assistência Social*) também. Onde havia um espaço de aliança, a gente ia buscar. Eu fiz política 40 anos, mas nunca fui tão feliz na minha vida quanto na época em que fui secretário de Esportes. Era uma alegria permanente. Eu às vezes ia de tênis e bermuda porque logo em seguida a gente ia praticar esportes.



Vejam o retorno de mídia. E é mídia positiva. Esse é o dado incrível. Quem fez gestão pública sabe que a gente só apanha. Na Secretaria das Subprefeituras era enchente, queda de árvore, buraco na rua, áreas de risco. Só problema. Aqui, não. Era só positivo.



Vejam as pesquisas que fizemos. São pesquisas muito importantes, que mostram principalmente o resultado na performance escolar. Nós estamos convencidos, hoje, de que há liberação de neurotransmissores nas crianças quando elas praticam esportes. Esses neurotransmissores ajudam na capacidade cognitiva das crianças. Elas serão estudantes melhores. E nós tivemos os primeiros indicadores nas pesquisas que fizemos com clientes e praticantes no nosso programa Clube Escola.



Para o programa Saúde no Esporte, a Secretaria de Saúde me dava R\$ 6,5 milhões por ano. Nós contratamos toda a equipe multiprofissional de saúde para ensinar as pessoas sobre como saúde e esportes estavam ligados. Colocamos nos Clubes Escola, nos parques. Era para mostrar que dá para mudar nossa vida se a gente começar a praticar atividade física regular, mesmo que seja uma leve caminhada.

Saúde no esporte (PILOTO)

Total de Atividades de março a novembro de 2009

Mês de: 01.03.09. a 30.11.09

Previsto: procedimentos / mês 33.000 = 297.000

Total Realizado de Procedimentos: 495.554

Atividades	Nº de Visitas C. E.	Nº Usuários	Nº Procedimentos
Psicologia	193	10.704	25.573
Hipertensão Arterial	478	21.876	111.866
Diabetes	239	11.047	49.675
Prevenção Dermatológica	218	13.354	32.353
Higiene Corporal	109	5.033	18.128
Higiene de Alimentos	101	5.489	11.016
Avaliação Odontológica	227	11.640	60.005
Ed. Físico / Fisioterapia	65	3.740	12.386
Saúde e Meio Ambiente	8	488	1.526
Atendimento de Urgências	18	992	3.772
Orientação Nutricional	829	42.158	169.254
Total de Visitas	2.485	126.521	495.554

Aí são os números mostrando resultados. O Brasil é um país de obesos e sedentários. Isso é grave. Os dados no Brasil estão chegando próximos aos dos Estados Unidos e nós não temos ainda políticas públicas para combater. Fizemos palestras, dinâmicas, levávamos profissionais. A gente tinha uma reunião às 7h e chegava a ter 150, 200 pessoas. E a gente falava de tudo, inclusive de esportes. Era para mostrar que o esporte é um elemento importante de abertura de novos canais. Tivemos palestras de ministros, de grandes empresários, personalidades, filósofos... A gente fazia de tudo lá. E um dia nós alugamos o Reserva Cultural e exibimos o filme do Mandela, o Invictus. O Mandela foi um dos poucos governantes que compreendeu o papel do esporte. O rúgbi, na África do Sul, foi fundamental para unir negros e brancos. E o Mandela, contra os seus próprios companheiros, mostrou que isso era possível. E nós mostramos o filme para mostrar também que era essa a nossa inspiração. E eu gostaria de encerrar com uma frase do Nelson Mandela: "A arte e o esporte têm o poder de mudar o mundo, o poder de inspirar; o poder de unir pessoas como poucos conseguiram. A arte e o esporte podem criar esperança onde antes só havia desespero. São instrumentos de paz muito mais poderosos do que governos". Então, é nisso que a gente acredita, é por isso que estamos aqui.

RUBENS FIGUEIREDO: Toni Moreno, com sua experiência como presidente de um clube social, um dos maiores do Brasil, e também secretário de esportes da cidade de São Paulo, como dá para articular essa rede de clubes sociais que São Paulo dispõe com o poder público para incentivar o esporte?



TONI MORENO: Antes eu gostaria de comentar rapidamente com vocês sobre o Kassab, que como o processo na Justiça e o Tietê tinha que ser despejado. E nós, como somos de clube, falamos: "O Clube de Regatas Tietê não dá... vamos ver o que está acontecendo". Fomos lá e verificamos. Estavam usando o clube para obter benefícios financeiros que não tinham nada a ver com formar um atleta ou oferecer iniciação esportiva. E aí sugerimos um projeto de iniciação esportiva, formação e alto rendimento. E com o despejo, fui ao Kassab e sugeri que falássemos com o ministro dos Esportes, Aldo Rebelo, sobre recursos. Ele aprovou na hora. Fomos lá com o Aldo Rebelo, ele adorou a ideia, veio para São Paulo e assinou, uma semana

antes de o Kassab sair, um protocolo de intenções em que eles dariam recursos para fazer esse centro. E por que lá? Porque nós aproveitaríamos algumas instalações que já existiam, ia ser um negócio super-moderno e nós estaríamos perto, logisticamente, de Cumbica, Congonhas e metrô. Assumiu a nova gestão e tiraram o projeto fora. Ninguém queria ter o mérito de ter feito. Quem iria fazer era o próximo prefeito. Entrevistaram o prefeito e ele falou que não tinha recursos para fazer nada lá e fez um projeto que não é de todo ruim, é um projeto bom. Fez metade praça e metade atividade esportiva. E nós deixamos de ter, em São Paulo, um centro verdadeiro de formação de nove modalidades olímpicas. Por que estou falando isso? Porque não se dá continuidade às coisas do esporte. Todos os governantes, hoje, seja na área federal, estadual ou municipal, falam em segurança, saúde, mobilidade urbana e educação. Esporte, você não vê um candidato falar.

O Feldman fez realmente uma gestão espetacular. Ele implantou todo esse sistema, que é maravilhoso, reconhecido. As ciclovias, hoje, são uma realidade, mas foram deturpadas. Eu lembro que, na época, a CET e a Secretaria faziam um convênio e estudavam fluxo de tráfego, de pessoas e tudo para lançar uma ciclovia.

Mas respondendo à pergunta, nós temos a ACESC (*Associação de Clubes Esportivos e Sócio-Culturais de São Paulo*), a CBC (*Confederação Brasileira de Clubes*) e temos também o Sindi-Clube aqui no Estado. Nós sempre tivemos um ótimo relacionamento com o poder público. E sempre tentamos fazer essa sinergia. Todo mundo fala que o poder público não forma, mas só para dar uma ideia: no Pan-americano de 2011, no México, se analisar as medalhas que o Brasil ganhou, em primeiro lugar foi o Pinheiros, segundo Flamengo e o terceiro foi a Secretaria Municipal de Esportes, principalmente por causa do boxe, que teve quatro

medalhas de ouro. Só para vocês verem como é importante a integração dos clubes sociais com a atividade pública. E hoje nós tivemos uma surpresa agradável. O ministro dos Esportes está levando para a Câmara e o Senado o Plano Nacional de Esportes. E nós temos que aprovar pelo seguinte: se não tivermos esse Plano Nacional de Esportes aprovado antes das Olimpíadas, pode esquecer. Porque no mês de outubro de 2017 todo o esporte olímpico vai ser deixado de lado. A mídia é o futebol, todos nós adoramos futebol. A Daniela (*Castro*) tem feito um trabalho muito importante representando os atletas nesse sentido. Mas é necessária a integração não só de clubes com a entidade pública, mas do restante. E aí nós teremos o papel bem definido de qual é a função do poder público e da entidade privada em relação ao esporte.

RUBENS FIGUEIREDO: Peço à nossa convidada Daniela Castro que faça alguns comentários sobre a atuação da ONG da qual ela é diretora executiva e que reúne atletas como Ana Moser, a Ida do vôlei, Patrícia Medrado, Zetti, Rubens Barrichello e outros atletas de ponta do esporte nacional.



DANIELA CASTRO: Contar a história da organização é também falar do que a gente acredita para o esporte brasileiro. E há também essa experiência que nós tivemos conhecendo o legado esportivo de Londres com as Olimpíadas. A Atletas pelo Brasil surgiu em 2006, com um grupo de atletas que já têm seus institutos, organizações que trabalham com o esporte. A Patrícia tem o seu instituto, o Raí também, a Ana Moser, a Magic Paula... São institutos que trabalham mais localmente, com projetos de atendimento direto. A Atletas pelo Brasil é um pouco diferente. Eu dividiria em dois tipos de atuação as organizações não-governamentais. Uma é o atendimento, direto, novas tecnologias sociais; e a outra é tentar influenciar as políticas públicas. Surgiu para ajudar causas importantes para o País. O atleta muitas vezes é chamado para participar de campanhas - Unicef, Unesco... - e a ideia foi que todos juntos poderiam ter uma força muito grande para influenciar alguns processos.

Em 2009, quando o Brasil foi escolhido para ser sede dos grandes eventos esportivos, os atletas decidiram colocar a serviço do país o que eles achavam que seria uma proposta para o esporte brasileiro, para esse legado esportivo. Se fala muito em legado das obras, legado social e às vezes ambiental, mas pouco se fala sobre qual é o legado para o esporte brasileiro. Afinal,

uma década esportiva com dois eventos é uma chance única de se falar do esporte. Foi aí que começamos a nos levantar.

Hoje são 60 atletas associados, de várias modalidades e gerações diferentes. E depois de 2009, como eu disse, a gente definiu a nossa missão: melhorar o esporte, melhorar o Brasil. A partir daí nós começamos a levantar a situação do esporte no País, qual seria a proposta desses atletas para o esporte. E fomos a Londres entender qual foi a proposta, que começou a ser formulada em 2002 ou até antes. Basicamente eram três linhas. Uma, colocar dois milhões de britânicos a mais fazendo atividade física como meta inicial. Depois, um programa em 450 escolas britânicas utilizando o esporte como ferramenta, como metodologia. Eles avaliaram esse programa depois de oito anos e constataram melhorias em matemática, inglês, valores, sociabilidade e autoestima. Então, fizeram um programa que mostrou o quanto o esporte impacta na educação. E o terceiro, as metas de alto rendimento.

Então, os atletas brasileiros se juntaram com outras organizações, clubes, empresários, universidades, e fizeram uma proposta à Presidência da República: por que o País não faz igual? O que a gente estava querendo dizer com essas metas? Primeiro mostrar que o esporte impacta em várias políticas públicas. Quando se fala de atividade física, você está falando de saúde, de combate à obesidade. Se você fala de esporte na escola, é educação. E falamos de alto rendimento também - aí a gente já está mais familiarizado. Então, nos juntamos e levamos à presidência três metas: dobrar atividade física no País até 2022; esporte em todas as escolas - a gente levantou que 30% das escolas brasileiras não tem professor de educação física; e a criação de um sistema nacional de esportes. Então, ter um projeto com as cidades-sede da Copa, com uma definição do que o município faz. Isso, para o gestor

municipal, é muito importante. Há prefeitos que falam assim: "Poxa, eu devo formar atletas de alto rendimento ou investir em programas como esse, de levar o esporte para todos?". Ainda é um sistema que não tem definição. Tem só a Lei Pelé, que fala muito mais do alto rendimento.

A partir daí começamos diversas ações, mobilizando diversos setores, para conseguir colocar isso na pauta. A gente tem uma pauta nacional, que é a criação do Sistema Nacional de Esportes. Aprovamos o artigo 18-A da Lei Pelé, que define que todas as entidades esportivas, ao receber dinheiro público, têm que ter gestão e limite de mandato. Uma discussão mais do alto rendimento, mas foi um ponto importante. E hoje estamos no grupo de trabalho que está discutindo o Sistema Nacional de Esportes. É uma nova legislação, que vai definir um pouco melhor as competências, as atribuições. O esqueleto de como vai funcionar o esporte.

Falando um pouco dessa proposta, que eu acho que interessa muito para quem trabalha com políticas públicas, o foco do sistema é o esporte para todos. Hoje, a Lei Pelé tem foco muito específico no alto rendimento. O esporte é um direito constitucional, mas não está definido quem faz isso. Se a gente quer que chegue a todos, quem vai fazer? A proposta do governo é para esta área. Agora está se discutindo o financiamento, então pode ser que haja alguma mudança, principalmente no financiamento público - lei de incentivo, loterias. Há uma discussão sobre esse novo sistema, mas é algo muito inicial ainda. O governo constituiu um grupo com representação de praticamente todos os setores do esporte. Isso vai se transformar em um projeto de lei que vai para o Congresso. É uma discussão muito importante que vai impactar o município e vale a pena participar dela, porque ainda há possibilidade de interferir nesse processo.

E por fim a gente tem um trabalho nas 12 cidades

(da Copa) que talvez interesse, porque nós fechamos um compromisso com os candidatos a prefeito na época da última eleição. 90% dos candidatos das onze cidades, e o governador do Distrito Federal assinaram o compromisso. Eles se comprometeram a alcançar essas metas pelo município, de tornar as cidades mais esportivas. Em que consiste o nosso trabalho? É estimular, tentar trabalhar junto, mais do que executar algum projeto. Com um relatório anual nós medimos como está a situação do esporte nessas doze cidades. É um relatório que oferece uma matriz de indicadores. A gente reuniu indicadores que já existem. Perguntamos até sobre calçadas. As pessoas precisam andar, precisam ter calçada. Isso deu uma ideia para algumas cidades: "Nossa, para pensar o esporte eu tenho que pensar tudo isso? O esporte impacta em todos esses setores?". Ciclovias é mobilidade, uso de espaço público. Então, nós fizemos isso para estimular um pouco a gestão pública, para fazer os prefeitos olharem o esporte com um ponto estratégico nas cidades, nas políticas públicas. E aí a gente monitora um relatório que sai ano a ano. Ano que vem vai ter um prêmio para as cidades que investem mais no esporte. Estamos criando esse prêmio com um instituto internacional. A ideia é justamente colocar o esporte como prioridade. Tentar colocar as propostas, a vivência dos atletas sempre de forma muito propositiva. A ideia não é fazer a crítica pela crítica. O papel da sociedade civil é até entender mais o governo, até porque quem está na política recebe sempre muita crítica. E colocar a serviço do País o que esses atletas têm de experiências locais e internacionais.

RUBENS FIGUEIREDO: O Giovanni é lutador de boxe, campeão mundial na categoria dele. Eu queria que ele contasse um pouco sobre como foi essa mudança na vida dele através do esporte.



GIOVANNI ANDRADE: É um prazer muito grande estar aqui com pessoas que lutam por um ideal, que têm a preocupação de ajudar pessoas e incluir. Está aí um dos grandes mestres que é o Feldman, que eu falo que é meu pai na inclusão, no socorro, na ajuda. Meu pai adotivo trabalhou muito tempo na Secretaria Municipal de Esportes e nunca houve um trabalho tão exemplar como na época da gestão do nosso querido prefeito Kassab e do Walter. Eu mesmo era coordenador de um dos equipamentos dentro da favela do Jardim Cabuçu. O único divertimento que aquele pessoal tinha era o clube. Mas estava deteriorado, quebrado, todo detonado, não havia reforma alguma para aquele local. E o senhor me mandou para lá, lembra? Para vocês terem ideia da violência, todos os dias um ou dois jovens amanheciam mortos na porta do clube. Até hoje é violento dessa forma. E eu lembro que fui para lá. E eu lembro que o Walter falou: "Giovanni, você vai para lá e vai mudar a cara daquilo ali. Vai levar essa mensagem". Eu levei a mensagem. E junto com essa mensagem, levamos apoio, reformas,

alimentação para aquela galera, atividade, professores. Lá havia dez funcionários retraídos, escondidos, com medo da marginalidade. E nós dobramos o número de funcionários naquela época. Médicos, aquele grupo da saúde foi para lá fazer o atendimento três vezes por semana, atendendo a comunidade dali.

Foi um trabalho exemplar. Na época eu já era um atleta profissional, porém não reconhecido. Não tinha sequer uma direção para o esporte da minha modalidade, o boxe. Era só futebol, futebol, futebol. Boxe não existia, praticamente. E eu sempre lutando fora do país, passando dificuldades, porque para lutar fora não é fácil. Então, eu treinava aqui e ia lutar no exterior. Chegando lá eu enfrentava de tudo. E para mim era muito difícil. Ninguém me conhecia no Brasil. Ninguém sabia quem era Giovanni Andrade. E o Walter falou assim: "Vai mudar essa história". Eu aproveitei e ele começou a me ajudar, a me direcionar, e formatou um projeto para o boxe, montou o boxe no Estado de São Paulo, abriu mais de vinte academias com professores contratados. E começaram a surgir campeões em todas essas áreas. Eu pertencia a um trabalho social. Eu falei: "Puxa vida, preciso urgentemente apresentar esse trabalho para o Walter, porque ele vai ajudar". O que aconteceu? Um dia eu fui lá para o Centro Esportivo, Recreativo e Educativo do Trabalhador (CERET), o senhor ia fazer uma reunião lá. Levei uns 200 ou 300 jovens para a arquibancada. E o Walter estava lá, falando da reforma que ia fazer no CERET. Eu corri e falei: "Seu Walter, o senhor é o secretário, não é? Eu tenho um grupo de jovens aqui, a gente pode fazer uma oração pelo senhor?" O Walter é judeu e nós somos um grupo religioso. Ele falou que podia. Desceu toda a arquibancada, nos apresentamos a ele e falamos: "Somos um grupo da comunidade e precisamos de ajuda. Não temos espaço para fazer atividade física, nem esporte". O Walter falou que ia ajudar e começou

o trabalho da Força Jovem, que se expandiu por todo o país. E eu quero dizer que a semente que o senhor plantou no esporte da cidade de São Paulo não morreu. Continua viva no coração daqueles que pegaram e fizeram multiplicar o talento. Hoje nós temos mais de 32 modalidades esportivas em atividade em todo o País. Hoje temos secretário de Esportes do Estado que veio daí. Temos ministro do Esporte que também veio daí. Veio do trabalho que o senhor permitiu que fizéssemos. “Ah, mas é instituição religiosa”. Não senhor, é comunidade. Nós não vamos pregar nada lá dentro. É o jovem necessitando de inclusão, de oportunidade para praticar o esporte, cuidar da saúde. Foi isso que o senhor fez. O trabalho hoje funciona de uma forma inclusiva, tirando os jovens das drogas. Temos uma jovem, Élica Jamile, ex-usuária de cocaína, de droga, é uma das centenas de milhares que nós temos hoje no Brasil, antes entregue à própria sorte e hoje campeã sul-americana. Teve a vida restaurada e hoje é a 50ª melhor atleta do mundo na categoria.

RUBENS FIGUEIREDO: A “Animal” vai falar um pouco para a gente.



ANA “ANIMAL”: A mulher que teve eu e minha irmã nos jogou numa caixinha de sapato e fomos parar na FEBEM (*Fundação Estadual do Bem Estar do Menor*). Fui criada 18 anos na FEBEM. Saí, arrumaram emprego para mim numa casa de família. Roubei a patroa porque trabalhei cinco meses e não vi a cor do dinheiro. Falei: “Vou ensinar para ela como é que se rouba”. Aí eu fui para a rua, morei 20 anos na rua. Roubei, assaltei, trafiquei, mandava os outros roubar, fiz saidinha de banco. Se não fosse o esporte, acho que estaria morta ou na cadeia. Graças a Fausto Camunha, que é o meu padrinho.

RUBENS FIGUEIREDO: Patrícia Medrado, nossa campeã. O tênis é tido como esporte de elite. Como é trabalhar com o pessoal de periferia?



PATRÍCIA MEDRADO: Eu tenho que começar dizendo saudades, Walter. Muita saudade. Realmente foi uma época de ouro que a Secretaria viveu. Você

resgatou a autoestima de todos os funcionários dali. Foi impressionante a mudança. Eu ainda transito muito, tenho outros projetos lá, uma continuidade mais reduzida do que você implantou, mas a gente percebe nas pessoas: a fé que você colocou nelas já não existe mais. As pessoas trabalham, mas não confiam mais. É muito importante estar numa instituição que inove, crie, motive, e isso você fez muito bem.

Era um sonho meu massificar o tênis, democratizar o acesso. E era muito difícil. A gente começou na educação, com o programa São Paulo é uma escola. E depois, quando surgiu essa oportunidade na Secretaria, comecei a viver um sonho. A gente começou com 11 unidades, depois criamos o primeiro centro público de tênis de campo, no Pacaembu. E logo depois o CERET, o PET como centro de aprendizado e de desenvolvimento. E naquela época a gente conseguia trabalhar com professor, estagiário, preparador físico, enfim, a gente se sentia no Primeiro Mundo. A gente tinha tudo o que era necessário para formar atletas. E quero te dar uma boa notícia: estamos com um atleta de todo esse trabalho, um atleta da Vila Curuçá, extremo Leste da cidade, nos Estados Unidos. Já fez o primeiro ano de faculdade. Ele foi com uma bolsa daqui para fora. A instituição também ajudou e ele já é o melhor aluno da faculdade, está indo muito bem. Foi através do tênis, nunca pensou em ser o melhor tenista do mundo, mas vai completar seus estudos e já tem emprego garantido na volta. Ele tem se comunicado, já saiu na *Globo*. Foi um case perfeito. Começou ali naquele clube e foi para o Pacaembu. Demorava duas horas de transporte para chegar até lá, mas o menino é um grande exemplo. É um fruto do Clube Escola, esse programa que você implantou e que deu a todos nós essa vontade de trabalhar. Nós chegamos a ter 3.200 pessoas jogando tênis e eu acredito que nem 3% delas já jogassem tênis antes. Foi uma oportunidade que foi

dada à população, de um esporte tido como elitizado, que passou a ser desenvolvido com aulas em grupo, porque muita gente acha que o tênis ocupa muito espaço porque é um esporte individual, mas não. Nós atendemos crianças a partir de 4 anos, terceira idade, adultos, moradores de rua, pessoas com síndrome de Down e até um aluno com Parkinson. Enfim, foi muito bacana. Eu tenho saudades dessa época. O programa durou, depois nós passamos para alguns CDCs, onde a gente coordenou todas as atividades esportivas, e ele voltou recentemente, mas de uma forma mais tímida, mais reduzida. Mas, pelo menos, você tornou, na sua gestão, o tênis um esporte viável, praticável e de acesso a todos.

RUBENS FIGUEIREDO: Peço para a ex-vice-prefeita de São Paulo, Alda Marco Antonio, fazer suas observações.



ALDA MARCO ANTONIO: Eu sou uma admiradora do trabalho do Walter, fã do que você fez na Prefeitura. Vi de perto. Eu defendo que no serviço público, nos programas públicos, quando se aloca orçamento em esporte e em cultura não está se gastando, está se investindo. Investindo em saúde, na prevenção de

doença, mas acima de tudo está se investindo na formação integral de seres humanos, que crescerão íntegros e serão produtivos para si e para a sociedade. Então, sou uma grande defensora desses programas.

É com esse entusiasmo que eu digo ao grande Walter Feldman que eu fiquei muito feliz no dia em que eu ouvi a notícia de que você foi para a CBF. Porque eu disse: a partir de agora a CBF vai ser melhor. Nós temos no mundo, hoje, um esporte que é rei. O esporte mais querido do mundo. O esporte que fez a FIFA (Federação Internacional de Futebol) ser muito maior do que a própria ONU. Tem mais países membros da FIFA do que a ONU. E tem razão de ser, porque o futebol é praticamente o único que permite que a criança muito pobre, que passou fome, passou muita dificuldade na infância, se torne ídolo. E hoje o futebol se transformou num espaço profissional por excelência. E os produtores do espetáculo, os esportistas, são admirados, aparecem nos jornais, na imprensa todos os dias. E aqueles que conseguem vencer ganham muito dinheiro. Será que é por isso que a mulher está afastada do futebol feminino? Quando eu fui secretária do Trabalho, no Governo Montoro, realizei os campeonatos nacionais de futebol feminino, de mulheres trabalhadoras. E foi um grande sucesso. Mas não vejo mais ninguém incentivar o futebol feminino. Acho que é uma vergonha para as entidades brasileiras porque nós possuímos a melhor atleta de futebol de todos os tempos: a Marta. Ela ganhou cinco vezes como melhor jogadora de futebol do mundo e isso é extraordinário, porque não tem incentivo aqui. Não existe campeonato de futebol feminino. Não existe espaço para time de futebol feminino. Eu sou muito interessada na ascensão das mulheres num esporte de prestígio, que dá dinheiro, que transforma a vida dessas pessoas e que transforma também a vida das famílias. E pergunto ao meu querido amigo: quando é

que a CBF vai criar campeonato feminino de futebol e vai incentivar a mulheres brasileiras a entrarem nesse esporte que dá prestígio e dá dinheiro?

WALTER FELDMAN: Eu estou muito emocionado com os depoimentos. Eu perguntei para minha esposa o que ela vai botar na minha lápide. Qual é a frase que me identifica? Eu vou dizer a frase e espero não chocar vocês. Ela falou assim: “Vou colocar uma frase que me choca muito quando você fala, que é: eu não tenho saudade de nada”. Eu falo isso. Mas vou explicar. Saudade é um vazio. Ela acontece ou porque você não completou uma obra ou porque aquela obra foi destruída. Então, não é um sentimento bom. Quando eu ouço que alguém tem saudade de alguma coisa que eu ou alguém fez, é porque tem alguma coisa errada. Você não deveria ter saudade, porque as coisas deveriam ter continuado. Porque não é de mim, é do projeto em si. Quem fez foi o Kassab, ele permitiu. Isso não poderia ter morrido. E o tempo todo, na Secretaria de Esportes, nós reuníamos o pessoal. Eu fiz de tudo para que eles se organizassem de forma independente. Eu dizia o seguinte: “Pessoal, não deixe retroceder. Se algum governante, depois do Kassab, tentar fazer diferente do que nós fizemos, não deixem. Se revoltam, se mobilizem”. Eu fiz uma movimentação de criação da associação de funcionários lá, contra mim, para que eles se organizassem. Eu não vou contar a história porque é muito longa, mas eu queria que eles tivessem uma presença independente da minha. Sabe o que aconteceu com a maioria? Aposentou. Então, nós perdemos a história, o núcleo de lá. Eu vou dizer sinceramente para vocês: quando ouço tantos elogios, fico feliz do ponto de vista do ego, mas muito triste porque não era isso. Gostaria que estivesse hoje muito melhor do que na época que eu deixei.

É isso que mostra um Brasil que não se planeja a

longo prazo. Como é que pode, depois de tudo que fizemos na economia, o retrocesso que está acontecendo. É dramático. Eu recomendo a vocês lerem o livro da Miriam Leitão. Quem não leu, leia, porque vale a pena. Chama-se *A história do futuro*. É imperdível. Ela trata de vários temas. Estou agora lendo a questão da demografia. Nós temos uma janela demográfica que não voltará jamais. Se nós perdermos isso, o Brasil não se recupera. Isso é política pública. Quando um governante não vai bem, não é um problema dele, do partido dele, é a lesão que ele causa de uma forma definitiva. É uma cicatriz na nossa história. A Dilma, nesse momento, ela tinha que chamar todo mundo e dizer: “Pessoal, vamos ajudar o Brasil. Temos que fazer uma concentração”. Que é algo que estou propondo no esporte, particularmente no futebol agora. Porque eu estou muito ressentido lá. Nós estamos numa crise violenta, planetária no futebol. Eu estou dizendo o seguinte: “Pessoal, nós temos um rumo, sabemos para onde ir. Não nos tratem como bandidos”. Porque entrou lá, vira bandido. Não tem papo. Nós convidamos o Raí para ir na CBF para nos dar conselhos sobre a seleção. “Não vou”. Convidamos o Tostão. “Não vou”. Que direito essas pessoas têm em não nos aconselhar nos caminhos que devemos adotar? Esse País está muito partidário, radicalizado. Eu não estou nem aí com os partidos, com todo o respeito. Eles não são mais importantes que o Brasil. O Brasil merece um ajuntamento das forças. Eu vou dar um exemplo. Acho que o ministro da Fazenda poderia ser o (Pedro) Malan, o Armínio Fraga. Precisa juntar todo mundo que tem boa cabeça para ajudar a gente a sair dessa crise. E eu falo do futebol porque futebol é uma marca do Brasil.

Independentemente de quem está dirigindo os destinos do futebol nesse momento, é uma marca fundamental. Falei esses dias com o Davi Barioni, da Apex (*Agência Brasileira de Promoção de Exportações e In-*

vestimentos), e tem uma pesquisa da Apex sobre qual é a imagem do Brasil lá fora. Em primeiríssimo lugar está o futebol. Como é que um país que tem essa marca não articula para usá-la e a gente fazer rodadas de negociações com os empresários da França, da Inglaterra, fazer rodadas diplomáticas levando o futebol? Eu tenho insistido: “Pessoal, eu estou lá na CBF para dar uma contribuição”. Ou seja, dá um crédito mínimo. Ninguém dá. É um pouco a minha mágoa dos Atletas pela Cidadania, porque tem que fazer junto. Tem que fazer governança, risco, *compliance*, novo modelo de gestão, colocar isso na federação, nos clubes, *fair-play* financeiro, trabalhista e tal.

Futebol feminino, que a Alda falou. Tem Campeonato Brasileiro de Futebol, você sabia? Quem financia: a CBF. Você não sabe porque não tem patrocinador, só a Caixa Econômica. Portanto, não tem televisão. Então ninguém sabe. O futebol feminino não interessa. E não tem grande clube, isso é mais dramático ainda. Os grandes clubes do futebol feminino... Você já ouviu falar em Kindermann? Grande clube do futebol feminino. Saad? Grande clube do futebol feminino. O mais importante é o Santos, é o único grande clube que está nessa. Porque os dirigentes de futebol feminino são passivos. Só dá problema. Ninguém se interessa. Como é uma roda de interesses comerciais, financeiros, empresariais, nós não conseguimos reverter ainda esse quadro. Mas essa gestão fez a primeira seleção permanente de futebol feminino. A primeira da história, que ganhou o Pan-Americano agora. O ministro de Esportes está muito envolvido. A Dilma está muito envolvida. Ela quer futebol feminino de qualquer maneira. Nós fizemos aqui, para se ter uma ideia, um campeonato de seleções mundiais aqui no Pacaembu. Quatro seleções do mundo: brasileira, canadense, norte-americana e chinesa. Sabe o que aconteceu? Não tinha futebol nesse período e a Ban-

deirantes transmitiu: deu 13 pontos de audiência e 15 mil pessoas no Pacaembu. Ou seja, nós temos que descobrir aí por onde entrar. O futebol é a linguagem mais planetária do mundo, mais do que o inglês. A FIFA tem 209 nações. É cheia de problemas, de corrupção, de desvios, mas o futebol é mais importante que isso tudo. Nós temos que mudar as instituições. Temos de estar acima dos interesses políticos, partidários, eleitorais. É fundamental para a gente construir a nação. Eu estou no futebol acreditando que possa dar alguma contribuição. Acho que dá para fazer muita coisa. Estamos criando a CBF social, fazendo uma série de mudanças no modelo de gestão, mas a gente precisa que os nossos companheiros acreditem um pouco. Eu estou apelando para o pessoal não nos tratar tão mal. Nós queremos fazer a mudança, mas o Brasil não tem história de ruptura. Não houve ruptura da colônia para a República, da República para a República Nova, da ditadura para a democracia. Não será na CBF também. Não dá para tirar o Marco Polo e botar o Raí lá. Não dá. O Brasil não é assim. Mas algumas pessoas vêm do passado e entendem que há um futuro. Tancredo Neves veio do passado. Era um homem que fazia parte do sistema e compreendeu que era o motor da transição. Não podemos deixar morrer algo que é patrimônio do Brasil, é um instrumento poderosíssimo de comunicação internacional. É vocacional, nas nossas meninas e meninos. Nós estamos tentando fazer isso. Acho que nós vamos fazer uma grande mudança no futebol do Brasil e no papel que o futebol pode ter num processo civilizatório. O futebol faz parte do processo civilizatório e nós não podemos jogar fora.

RUBENS FIGUEIREDO: Vou pedir ao Toni para fazer uma observação pontual sobre o futebol feminino.

TONI MORENO: É só uma sugestão. Eu fui diretor de futebol feminino do São Paulo, em 2005, e acompanhei, no interior do Estado, o campeonato estadual. Não tem apelo. Acho que deveria ser obrigatório, a começar pelo Campeonato Brasileiro, o futebol feminino fazer a preliminar do jogo de fundo. Porque ali vai se criar uma cultura nova das meninas jogando. Vão ser ídolos e aí depois você parte para os campeonatos regionais.

DANIELA CASTRO: A Atletas não lida com um esporte específico. Mas a gente conversa muito sobre as soluções para o futebol, porque o futebol tem essa importância no País. Mas por ser um esporte cheio de paixões e com um passado, a questão é não desistir. Eu acho que você vem para agregar, sempre foi assim. Eu acho que isso é o que importa. É um movimento novo também. Não feche a porta, porque eu acho que o diálogo acaba modificando posições. E é uma história de muitos anos com um histórico específico com os Atletas. Então, só para te dizer assim: não se magoe, continue, porque movimenta paixão, mas depois que a gente tem um norte tudo se resolve.

RUBENS FIGUEIREDO: Encerramos mais essa edição dos Encontros Democráticos. Agradeço ao Walter Feldman, que está com uma missão difícil, mas extremamente importante de orientar o nosso futebol, que movimenta tantas paixões. Agradeço ao Toni, à Daniela, Patrícia, Giovanni, Élica e Animal e a todos pela presença.



Presidente - Guilherme Afif

1º Vice-presidente - Vilmar Rocha

2º Vice-presidente
Diretor de Relações Internacionais - Alfredo Cotait

Secretária - Alda Marco Antonio

Diretor Superintendente - João Francisco Aprá

Conselho Superior de Orientação

Presidente - Gilberto Kassab
Guilherme Afif
Henrique Meirelles
Omar Aziz
Raimundo Colombo
Otto Alencar
Claudio Lembo
Ricardo Patah
Vilmar Rocha
Guilherme Campos
Eduardo Sciarra

Coordenadores dos Conselhos Temáticos

Política Econômica - Henrique Meirelles
Emprego e Trabalho - Ricardo Patah
Gestão Pública e Transparência - Rubens Chammas
Pacto Federativo e Tributação - Samuel Hanan
Previdência - Reinhold Stephanes
Educação - Alexandre Schneider
Saúde - Eleuses Paiva
Infraestrutura, Transportes e Energia - Eduardo Sciarra
Desenvolvimento Urbano - Paulo Simão
Desenvolvimento Rural - Cesário Ramalho
Meio Ambiente e Sustentabilidade - Marcelo Cardinale Branco
Cultura - Danilo Miranda
Esportes - Antonio Moreno Neto
Turismo - Marcelo Rehder
Indústria, Tecnologia e Inovação - Ozires Silva
Inteligência e Mídias Digitais - Aleksandar Mandic
Justiça - Arnaldo Malheiros Filho
Segurança Pública - Túlio Kahn
Desenvolvimento e Inclusão Social - Alda Marco Antonio
Participação e Cidadania - Ivani Boscolo
Política Externa e Comércio Exterior - Embaixador José Botafogo Gonçalves
Defesa Nacional - Gen. Antônio Luiz da Costa Burgos

Conselho Consultivo

Acre - Sérgio Petecão
Alagoas - Jorge Silvio Luengo Galvão
Amapá - Eider Pena
Amazonas - Omar Aziz
Bahia - Otto Alencar
Ceará - Patrícia Pequeno G.C. Aguiar
Distrito Federal - Rogério Rosso
Espírito Santo - José Carlos Fonseca Junior
Goiás - Vilmar Rocha
Maranhão - Claudio Trinchão
Mato Grosso - Carlos Fávaro
Mato Grosso do Sul - Antônio Cesar Lacerda Alves
Minas Gerais - Diego Andrade
Pará - Helenilson Pontes
Paraíba - Rômulo Gouveia
Paraná - Eduardo Sciarra
Pernambuco - André de Paula
Piauí - Júlio Cesar
Rio de Janeiro - Indio da Costa
Rio Grande do Norte - Robinson Faria
Rio Grande do Sul - José Paulo Dornelles Cairoli
Rondônia - Moreira Mendes
Roraima - Rodrigo Jucá
Santa Catarina - Antônio Ceron
São Paulo - Alfredo Cotait Neto
Sergipe - Jeferson Andrade
Tocantins - Irajá Abreu

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2015 - Nº 12

ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br

PSD - Site Nacional: www.psd.org.br

Coordenação - Scriptum Comunicação

Twitter Nacional: @psd_55

Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)

Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Ilustração by Freepik

Facebook: [EspacoDemocraticoPSD](https://www.facebook.com/EspacoDemocraticoPSD)

Facebook Nacional: [psd.br](https://www.facebook.com/psd.br)

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS



www.espacodemocratico.org.br